

HERINGER, Victor. *O amor dos homens avulsos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 152 p.

Valdemar Valente Junior¹

A relação entre crianças, no plano da narrativa, tem como cenário o subúrbio do Rio de Janeiro, a partir da onda de calor que se alia à opressão da década de 1970, quando um médico ligado ao regime militar e seu filho semiparalítico recebem em casa o menino Cosme, que morreria logo depois, brutalmente agredido. Esse episódio serve de base a uma sucessão de fantasmas que assombram a vida medíocre de quem sobrevive às limitações impostas pela doença, determinando o destino do adulto precário que observa os fatos ao seu redor sem conseguir desvencilhar-se um instante sequer de sua memória sombria. A partir desse ponto, desenrola-se o enredo que faz de *O amor dos homens avulsos*, romance de Victor Heringer, um registro da narrativa como problematização da violência contemporânea. O romance tem início na incidência da banalidade cotidiana, exposta nas formas da injustiça, dando feição definida a um tempo que se deforma em seus requintes de crueldade. Por esse meio, o texto evolui, em vista do clima pouco propenso a mudanças que se caracteriza na descrição do subúrbio, a partir do mormaço abrasador que a todos oprime.

Assim, Camilo desenrola o novelo de sua vivência, a partir dos rigores do regime militar que lhe chegam de modo indireto, como se fosse possível ver sem enxergar o que de fato ocorre. No entanto, uma surpresa está por se revelar, trazida pelo pai, em seu Corcel amarelo-fleuma. Trata-se de Cosme, um menino tímido e assustado que logo desperta o ódio e a desconfiança de Camilo e de Janaína, sua irmã, afrontados com sua aparição. Daí a narrativa avançar e retroceder, do tempo da infância, quando o bairro, onde Camilo volta a viver, depois de mais de trinta anos, era quase uma fazenda, ao presente de *shopping centers* e prédios com fachadas de vidro, quando se efetiva, segundo ele, uma espécie de bota abaixo, como na *belle époque*. Por sua vez, a casa onde nasceu torna-se uma loja de materiais de construção, ao passo que sua vida, logo após a morte da mãe, concorre para que sua situação financeira decaia, em vista da

¹ Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Pós-Doutor em Literatura Brasileira pela UERJ. Professor Assistente da UCB. E-mail: valdemarvalente@gmail.com.

valorização do imóvel, posterior à sua venda. No entanto, é preciso retomar a memória da década de 1970, a partir da chegada de um menino estranho que muda o curso dos fatos.

Os dois lados de um mesmo problema aproximam o recém-chegado de quem precisava de muletas para se locomover. O defeito físico não lhe permite brincar com os demais, restando-lhe ler, desenhar, assistir televisão e imaginar uma estrada até Minas Gerais, onde ainda pode haver ouro e escravos, bois que pensam e árvores com espírito, ao passo que sonha ser Deus para inventar um planeta. No entanto, o tempo avança e torna a recuar quando Camilo, aos cinquenta anos, recupera não apenas sua condição de natimorto, enforcado pelo cordão umbilical, mas também a memória de Cosme, que morreu aos dezesseis anos. O menino, que viera de Barbacena, em Minas Gerais, integra-se ao seio de sua família, sendo difícil a convivência em seus primeiros instantes. Isso marca o lugar de um afeto em via de ser subtraído, o que se constitui em ameaça ao equilíbrio emocional dos irmãos legítimos diante da presença de um estranho. A bengalada desferida contra Cosme expressa o ódio que precisa ser redimido, segundo seu pai, com um pedido de desculpas. Por sua vez, a agressão converte-se em amor, constituindo-se o gesto no sentimento que determina sua relação com o menino que passa a ocupar um espaço em sua vida. Daí o amor e o ódio se irmanarem como o roteiro de memórias que se relevam como a matéria-prima de que se constitui a narrativa.

Entre desenhos e histórias em quadrinhos, a infância tem seu curso de descobertas dos prazeres do corpo. Além dessas descobertas, encontram-se outras, a exemplo de uma pasta com documentos que dão conta da atuação de seu pai como médico a serviço da ditadura militar. Do mesmo modo, há a hipótese de Cosme ser filho de uma das vítimas do regime, levando o médico a dirimir um pouco da culpa que carrega consigo. Entre os meninos do bairro, todos têm um perfil delimitado, sendo que apenas Cosme não se assemelha a nada nem a ninguém, como se o molde de que fora feito tivesse sido quebrado. Por outro lado, o subúrbio revela elementos da religiosidade afro-brasileira, a partir dos rituais da umbanda como alternativa ao catolicismo. No local onde existiam fazendas com escravos, as antigas senzalas encontram-se carregadas de uma energia que inevitavelmente perpassa as relações que aí ocorrem. Nos rituais dedicados a Omulu, orixá da cura, entre o que é oferecido durante a celebração, há comidas envenenadas, misturadas às oferendas verdadeiras. Em seguida, a morte de Maria Aína,

a antiga empregada da família, faz com que ela passe a figurar como um símbolo de espiritualidade, além da sensação de perda que sua ausência provoca. Para Camilo, os trabalhos e incorporações funcionam como uma mentira, uma vez que qualquer resposta dos incorporados lhe seria satisfatória.

Os meninos do bairro divertem-se em partidas de futebol das quais Camilo não pode tomar parte, cabendo-lhe ficar do lado de fora, contando o tempo decorrido e os gols marcados. No entanto, seu defeito físico o permite compreender a dinâmica de um jogo do qual, mesmo não podendo participar, acaba por perceber melhor que os demais. Cosme, por sua vez, participa do futebol como um coadjuvante, sendo tratado com desprezo pelos outros meninos, que lhe dão empurrões e lhe jogam areia, por considerá-lo inferior, um quase animal. No que se refere à perspectiva presente, a imagem de Cosme apresenta-se diluída, quase esvaziada. Em meio a sonhos, Camilo procura no cemitério abandonado a sepultura de Maria Aína, a única a saber onde se encontra o corpo de Cosme. Por sua vez, ao deparar-se com sua mãe saindo do banho, concebe em seu corpo a imagem da única mulher nua que vê. Passado o tempo, a cena da nudez materna o remete a uma pintura moderna em que o feio se torna belo. Assim, as varizes e a flacidez constituem-se em valor estético. Ao ser surpreendida pelo filho, a mãe passa uma semana sem olhá-lo nos olhos, fingindo estar gripada. A convivência familiar possui seus pontos destoantes, implicando em revelações e ocultamentos que se misturam ao cenário dos acontecimentos.

O idílio amoroso com Cosme decorre em exatos catorze dias, até seu assassinato. No baú da memória, assim como no baú de madeira e couro, estão guardados os pertences que Cosme lhe ofereceu. O namoro torna-se do conhecimento dos demais meninos, repercutindo em reação e preconceito. Cosme é assassinado por Adriano, marido de Paulina, com vinte e seis golpes de faca no tórax, e seu corpo é encontrado no terreno onde ficava uma antiga senzala. Essas memórias concorrem para que Camilo se transforme num adulto incompleto, um quase alguém, filho de um médico que prescrevia remédios aos torturados pela ditadura militar. Assim, o tempo segue e retorna, e o deficiente físico que nunca se casou resolve criar Renato, neto de Adriano, o assassino de Cosme, filho de Adriana, neto de Paulina e bisneto de Maria Aína. No apartamento onde vive, Renato bebe Coca-Cola e come pão diante da televisão que exhibe as cenas do acidente aéreo que vitima Eduardo Campos, candidato à presidência

da República. Enquanto isso, seu vizinho do lado escuta um CD com a voz rouca e os versos tristes de Nelson Cavaquinho, ao tempo em que bebe cerveja e repete seguidas vezes um samba que diz: “Quero ter olhos pra ver/ A maldade desaparecer”.

Na condição de narrativa que visita os caminhos da contemporaneidade, *O amor dos homens avulsos* recorre a encontros e desencontros que a ajudam a esfarrapar e cerzir tudo quanto se faz mover pela ordem dos afetos e dos desafetos. Assim, a sequência dos acontecimentos, que vão da vigência plena da ditadura militar, no governo Garrastazu Médici, à instauração da Comissão da Verdade, no governo Dilma Rousseff, assume a condição de recorte da vida do país que se coaduna à trajetória de Camilo, da relação com Cosme, na infância, à adoção de Renato, na maturidade. O sentido da existência que se interrompe com a morte de Cosme encontra uma alternativa de continuidade com a chegada de Renato, neto do algoz que lhe subtraiu o afeto que povoava seus desejos de menino. Daí o nome Renato, que quer dizer renascido, ampliar a possibilidade de a vida ser refeita a cada instante. O menino adotado, que se parece com o avô, encanta-se com os desenhos animados da televisão e perde o interesse quando Camilo lê para ele trechos de *Viagem ao centro da terra*, de Julio Verne, que a ele nada parecem acrescentar.

Recebido em: 25/01/2018

Aceito em: 25/05/2018